



Ter vontade não é suficiente. São necessárias novas formas de pensar a inclusão e de a concretizar.

A educação está demasiado burocratizada e aristotélica e nem sempre assente numa vertente de funcionalidade.

A carência de recursos humanos contribui significativamente para a falta de respostas adequadas aos alunos. Refiro-me de forma particular à carência de docentes de educação especial, bem como de técnicos.

Se queremos proporcionar uma resposta adequada às necessidades que os alunos apresentam:

- Não podemos ter uma colocação de docentes de educação especial que tem exclusivamente por base o número de alunos, mas sim as necessidades específicas dos alunos desse agrupamento de escolas (é preciso dar autonomia, diria responsabilidade, ao Diretor, para que seja ele a definir o número de professores que a sua escola necessita, tendo em conta os alunos que a frequentam;
- Não podemos ter um psicólogo a meio tempo para 1500 alunos, para avaliar, acompanhar, fazer orientação vocacional, etc. O normal seria um psicólogo para 600/800 alunos (salvaguardando a especificidade do agrupamento);
- Não podemos continuar a “sonhar”, permitam-me, com verdadeiras equipas multidisciplinares nos agrupamentos, constituídas por docentes, psicólogos, educadores sociais, assistente sociais e terapeutas (de acordo com as necessidades – terapeuta ocupacional, psicomotricista, etc.) - equipas de que já se falava no século passado (DL 319/91) mas que na verdade nunca foram implementadas (à excessão de um número muito residual), evitando-se assim custos bem mais significativos sempre q há necessidade de recorrer a outros serviços fora da escola, com perda de aulas para os alunos devido às deslocações e inferior conhecimento da realidade daquela escola pelos técnicos.
- Não podemos esquecer as famílias – elas são o pilar na educação e acompanhamento dos alunos – e é notório o desinvestimento que em muitos casos verificamos. Os fatores são vários, mas trabalhar a família deveria ser muitas vezes o ponto de partida para cativar o aluno...e aqui os técnicos podem fazer a diferença.



- Não podemos permitir que existam turmas de “1ª” e turmas de “2ª”.

É assim urgente que se criem condições que permitam introduzir uma nova filosofia educacional onde a inclusão e a deficiência tenham as respostas adequadas, proporcionando o bem-estar biopsicossocial que estes alunos tanto necessitam: mais docentes de educação especial, mais professores de apoio para os alunos com dificuldades de aprendizagem, mais técnicos, espaços físicos e materiais adequados ao seu perfil de funcionalidade.

Creio que todos concordamos que a inclusão favorece e incentiva a criação de laços de amizade entre todos os alunos;

As turmas inclusivas levam os seus alunos a aprenderem o valor da diferença e da convivência, promovem a autonomia, a independência e a cidadania. Formam pessoas mais tolerantes, mais solidárias e humanas.

Ainda há um trabalho a ser feito pelos alunos com NEE ao nível do ensino secundário – a realidade é nova mas carece de ajustamentos.

A transição para a vida ativa está ainda muito condicionada às respostas existentes na comunidade.

E urgente uma reflexão mais profunda sobre as necessidades e expectativas da Escola de hoje para que as próximas gerações sintam a Escola como verdadeiramente sua, e a oportunidade que nos foi dada hoje, pode fazer a diferença.

O nosso lema tem que ser: Uma escola de todos, igual para TODOS, onde a palavra DIFERENTE não faça a DIFERENÇA...

*Obrigada!*

Lisboa, 26 de abril de 2016

Aida Maria Ribeiro Pereira



Docente de Educação Especial – grupo 910

Presidente do Conselho Geral do Agrupamento de Escolas de Valpaços

Presidente da CPCJ de Valpaços

Fundadora e Presidente da Direção da APPACDM de Valpaços